

DA IMORTALIDADE DA ALMA NO *FÉDON* DE PLATÃO

*Leandro Anésio Coelho**
*Ignácio César de Bulhões***

Considerações Iniciais

Equócrates e Fédon se encontram e se colocam a conversar sobre a condenação e o último dia de vida de Sócrates. Assim se constitui o *Fédon*, de Platão.

Fédon, discípulo de Sócrates e presente no cárcere, participante da discussão que marca o último dia de vida do filósofo, encarrega-se de relatar a Equócrates o conteúdo da discussão daquele dia. Nela, Sócrates quer ratificar seu pensamento filosófico e discutir aqueles pontos que seus discípulos acham necessitar de melhor entendimento.

A problemática da obra é a prova da imortalidade da alma, que Sócrates defende. Vários personagens se fazem presentes, mas Sócrates dialoga com Cebes e Símiás. O argumento

* Leandro Anésio Coelho é graduando do 8º período do curso de Filosofia da UFSJ — Universidade Federal de São João del-Rei — e participante do Programa Institucional de Iniciação Científica — PIIC/UFSJ. E-mail: leandrocoelho@mgconecta.com.br

** Ignácio César de Bulhões é doutor em Filosofia Antiga pelo IFCS-UFRJ, professor do Departamento das Filosofias e Métodos e Coordenador do Programa de Pós-graduação *lato sensu* em Ética da UFSJ. E-mail: ignacio@ufsj.edu.br

de todo o diálogo é ético, firmando o valor e a dignidade da alma sobre o corpo.

Após o prólogo, em que são descritos para o leitor o ambiente e o tempo no qual se deu a discussão, ocorre a proibição do suicídio. O filósofo, embora tenha a morte como libertação da alma e almeja-a, não deve cometer suicídio, tirar-lhe aquilo que não lhe pertence, mas deve ficar à espera de um deus libertador que assim o faça.

Seguem quatro argumentos em defesa da imortalidade da alma, que assim podemos mencionar sucintamente: a teoria dos contrários (o contrário dá origem ao seu contrário, assim a morte dá origem à vida e vice-versa); o conhecimento por meio da reminiscência (não se aprende, mas se lembra das essências; se a alma se lembra de algo, logo ela existia antes de nascer); a teoria das idéias (se a alma se lembra de algo, alguma coisa existe em si e por si só: são as idéias); de novo a teoria dos contrários (conclui-se que o contrário não origina o contrário, mas sucede. O contrário tem na sua essência não ser o contrário. Assim, a alma tem na sua essência a vida e jamais vai admitir a morte).

Toda obra é entremeada pelas dúvidas de Cebes e Símiias. Sócrates tenta respondê-las e provar a imortalidade da alma, a filosofia como exercício para a morte e essa como o exercício da alma para a liberdade.

Fédon termina com páginas dramáticas e um admirável texto: o relato da ingestão de cicuta por Sócrates em 399 a.C. e sua morte.

1. O *Fédon* na obra de Platão

O *Fédon* é composto por prólogo, oito capítulos, no qual se desenvolve toda a argumentação, e um epílogo. Essa divisão não é explicitamente, dependendo da tradução e edição à qual se refere, mas o leitor percebe os assuntos alusivos a cada parte.

Segundo a divisão das obras de Platão proposta por Tasilo no século I d.C., *Fédon* pertence à primeira tetralogia de toda a produção de Platão, ou seja, faz parte do conjunto das quatro primeiras obras desse autor. Essa localização do *Fédon* é muito discutida, pois na obra encontram-se preocupações como o *cuidado com a alma*, menção à Teoria das Idéias ou Formas e crença na imortalidade da alma, típicos dos *escritos maduros* de Platão, de obras posteriores. Alguns estudiosos arriscam-se a determinar data provável para escrita do *Fédon*:

Estudos recentes levam, de fato, à conclusão de que o nosso diálogo deverá ser sido escrito pouco depois da primeira viagem à Sicília em 388 a.C., marcando um distanciamento já considerável dos chamados diálogos socráticos. A essa viagem não será mormente estranho o eco das doutrinas pitagóricas, que tão sensivelmente penetram no Fédon (In: Platão, 2000, p.10).

A obra em questão tem como lugar o Cárcere de Atenas, no último dia da vida de Sócrates. O tempo é o decorrer desse dia, do amanhecer até o pôr-do-sol. Trata-se de diálogo e narrativa, tendo como protagonista o próprio condenado à morte, Sócrates. Alguns personagens aparecem no diálogo apenas em curtos episódios, assim é a mulher de Sócrates, Xantipa, o carcereiro e os comissários. Os personagens Antístenes e Euclides têm atitude moral e intelectual; Críton revela-se exageradamente afetuoso e tem uma atitude de desespero frente à certeza da morte do mestre. Cebes e Símiias fazem intervenções de cunho metafísico sobre o problema principal do diálogo, que veremos ainda, e corroboram para o aprofundamento das idéias.

O problema que se encontra no *Fédon* é a imortalidade da alma, a natureza desta e a posição do filósofo frente à morte. Há um diálogo retrospectivo, no qual Fédon de Élis dirige-se a Equécrates e, a pedido deste, relata o último dia da vida de Sócrates, considerado por esses discípulos o melhor homem, o mais sábio e justo de todos os tempos. Assim, *Fédon* reconstitui o último dia de Sócrates, momentos antes da execução da pena e a discussão que revela as provas socráticas para a imortalidade da alma.

2. O prólogo e capítulo I

A obra se inicia com o diálogo entre Fédon e Equécrates, quando aquele é interrogado por este se ele estava presente no dia da execução de Sócrates e se poderia dizer algo de certo a esse respeito. O diálogo inicial é curto, logo passando para a narrativa de Fédon sobre o dia da execução que, ainda várias vezes, será interrompido pelo diálogo dos dois personagens iniciais. Neste primeiro momento interessa-nos o desejo de Equécrates de saber a verdade sobre o que se passara no interior do cárcere no qual estava Sócrates e o porquê da demora do fim do processo. Justifica-se: decorreram muitos dias entre a condenação de Sócrates e a execução da pena. No *Fédon* não se explicita a quantidade exata de

dias decorridos, já que a expressão *morrer tanto tempo depois de ter sido pronunciada sua sentença* (cf. 58a) é usada pelo próprio Equécrates. A justificativa para tal fato, dada por Fédon, é de que havia naquele tempo sido enviado um barco para prestar homenagens ao deus Delos, uma promessa feita há tempos ao deus Apolo.

Segundo os atenienses, é aquele [barco] no qual embarcou Teseu os sete rapazes e sete moças para Creta, aos quais salvou, salvando-se também. Conta-se que os atenienses prometeram a Apolo que, se esses jovens escapassem ao perigo, enviariam todos os anos uma oferenda a Delos e é o que fazem desde aqueles tempo. Enquanto se começa a preparar a expedição, uma lei ordena que se purifique a cidade e proíbe que seja executado qualquer condenado em nome do povo até que o barco tenha chegado a Delos e voltado para Atenas. Algumas vezes, esta viagem demora muito quando os ventos são contrários. O período da oferenda começa com o coroamento da popa do barco pelo sacerdote e isto havia ocorrido precisamente na véspera do julgamento de Sócrates. Esta a razão de ter permanecido tanto tempo na prisão, tanto tempo entre a sentença e a morte (Fédon, 58a).

O que narra a história, Fédon, revela o sentimento dos presentes naquele dia e local, uma mistura de pena e prazer pela morte. Pena, pode-se assim entender, por ver a condenação e execução de um amigo, de um filósofo, muito mais, de um mestre. Prazer por ver um homem que guia sua vida pelas suas próprias convicções filosóficas. Este sentimento era comum em todos os presentes, exceto em Críton, que revela ter muito mais pena, aquele discípulo que se entrega ao choro por aquilo que presencia.

Todos os dias em que Sócrates estava preso era visitado por numerosos discípulos. No dia da sua execução esses chegaram mais cedo, logo ao nascer do sol e ali permaneceram o dia todo. Neste dia, Sócrates é apresentado por Fédon sem as correntes, sentado no catre, com perna dobrada e esfregando-a, tendo estranheza de ter o corpo livre das correntes.

Este momento já é, na obra de Platão, o capítulo primeiro. Tentam aproveitar o último dia da vida de Sócrates para discutirem algumas doutrinas menos exploradas anteriormente e a primeira questão que surge é o suicídio. Ora, se era comum na filosofia de Sócrates o corpo como cárcere da alma, como o filósofo deverá encarar a morte?

Símias revela seu desejo de seguir o mestre e este lembra que, embora assim queira, o suicídio é interdito. Esse é o primeiro problema:

Logo de início o problema do suicídio, até aí insuficientemente explicado (ou assim o dá a entender Símias — 61d); em relação a ele, a doutrina do corpo como prisão da alma — idéia que, não sendo exclusivamente dos pitagóricos, sabemos ter sido por eles professada e até provavelmente na célebre fórmula soma/sema (corpo/túmulo) (Platão, 2000, p.12).

O suicídio é um ato condenável porque destrói o que não lhe pertence, ou seja, a vida. Os deuses cuidam dos homens e os homens são dos deuses, assim, devem aguardar por um libertador [cf. 62a]. Para exemplificar, Sócrates propõe a hipótese de que um dos escravos de Cebes tente se matar sem o consentimento do seu senhor. Cebes, de acordo, castigaria inevitavelmente esse escravo, caso pudesse. *Pela mesma razão, disse Sócrates, é justo que alguém não possa se matar e que é preciso esperar que o deus nos envie uma ordem formal para sairmos da vida, como a que hoje me envia. (Fédon, s/d, 62c).*

O problema do suicídio desencadeia outra questão, a relação do filósofo com a morte. Para Cebes e Símias, dois personagens que interagem com Sócrates e lhe fazem perguntas, não é compreensível que os filósofos desejem a morte, mas, ao contrário, que os homens mais sábios se revoltam contra ela. Para responder as interjeições dos dois discípulos é necessário investigar a natureza da filosofia. Ela nos coloca uma concepção de vida como um exercício para morte, como um exercício de purificação (*Katharsis*).

Se a tarefa do filósofo é a busca da verdade e esta implica a libertação progressiva de toda a materialidade, então o filósofo não deve ter medo da morte porque esta lhe permite alcançar a contemplação da verdade e a suprema felicidade. O desejo de morrer é próprio do filósofo, dado que o filosofar consiste em desprender a alma dos impulsos e solicitações do corpo, só possível pela morte (Ferro, 1999, p. 104).

Assim se explicita a relação do filósofo com a morte e, principalmente, porque este deve aspirá-la: desde que a conceba como um libertar-se, uma elevação. Assim nos diz Sócrates em determinadas passagens do *Fédon*, sobre a morte e sua relação pessoal e singular com esta:

Se eu não acreditasse encontrar na outra vida deuses tão bons e sábios e homens melhores que os daqui, seria injusto ao não sentir

pena em morrer. Porém, sabej que espero reunir-se a homens justos. [...] morrer tendo a esperança de que há ainda alguma coisa depois desta vida e de que segundo a velha tradição, os bons serão melhor tratados que os maus. [...] um homem que se tenha dedicado a vida inteira à filosofia, deve morrer tranqüilo e com a firme esperança de que gozará, ao sair desta vida, infinitos bens. Tentarei dar-vos provas disso, ó Símijs e Cebes. Os homens ignoram que os verdadeiros filósofos trabalham durante toda sua vida na preparação de sua morte e para estar mortos, sendo assim, seria ridículo que, depois de ter perseguido este único fim, sem descanso, retrocedessem e tremessem diante da morte. (Fédon, 63b-64a).

A morte para Sócrates não se trata, somente, de uma questão fisiológica. Ressaltar esse ponto é essencial para compreender por que na filosofia deste pensador o ato de filosofar é se colocar para a morte. A morte, em Sócrates, é a separação do corpo e da alma, deixando o corpo isolado de um lado e do outro a alma em si mesma, porque ela existe em si, assim como o bem¹. Essa existência em si da alma será, em momentos posteriores, um dos elementos para a defesa da imortalidade dela mesma. Cabe ao filósofo proporcionar esse afastamento de corpo e alma e se ocupar conhecendo-a. A alma tem condições de conhecer tudo melhor quando não influenciada e não perturbada pelos sentidos, pelos órgãos do corpo, por exemplo, olhos e ouvidos. A alma pode tudo conhecer por meio do raciocínio e, para isso, deve se afastar dos sentidos do corpo [cf. 65e; 66a].

O corpo revela-se como cárcere da alma e inferior a ela. A alma, por sua vez, é pura.

Porque o corpo nos oferece mil obstáculos pela necessidade que temos de sustentá-lo e as enfermidades perturbam nossas investigações. Primeiramente nos enche de amores, de desejos, de temores, de mil ilusões e de toda classe de tolices, de modo que nada é mais certo que aquilo que se diz corretamente: que o corpo jamais nos conduz a algum pensamento judicioso. [...] Enquanto estivermos nesta vida não nos aproximaremos da verdade a não ser afastando-nos do corpo e tendo relação com ele que seja estritamente a necessária, sem permitir que nos atinja com sua corrupção natural

1. Cf. *República*, livro VI.

e conservando-nos puros de todas suas imundícies até que o deus venha nos libertar (Fédon, 66e).

O verdadeiro filósofo deve se preocupar em realizar essa separação do corpo e alma em favor de se alcançar a sabedoria. Aquele que teme a morte está apegado às coisas mundanas, mais preocupado com o corpo do que com a alma e encantado com as coisas terrenas. *Os verdadeiros filósofos aspiram à libertação da alma do corpo e sua tarefa consiste em operar essa separação* (Ferro, 1999, p.105).

3. A Imortalidade da Alma: as provas no *Fédon*

O trecho que se segue do *Fédon* é o ponto culminante da obra se considerar que aqui é discutido o problema principal: as provas da imortalidade da alma. Trata-se do trecho que vai do capítulo segundo ao sétimo, ou de 70a a 108e, parte que apresenta os quatro argumentos ou provas em favor da imortalidade da alma. Sócrates quer provar para os seus discípulos, com a participação e perguntas de dois deles, Cebes e Símiás, que a alma, após a morte do corpo, deste se separa e permanece no Hades, a morada dos deuses, e volta a viver, completando um ciclo. Não se esquecem também de que as melhores almas terão um destino melhor no Hades.

Para a prova da imortalidade da alma, o primeiro argumento trabalhado é o dos opostos, que:

incide sobretudo na noção de metempsicose. Socorrendo-se de uma velha teoria de explicação do mundo como sucessão de opostos, que mutuamente se geram e se alternam, Sócrates começará por fazer ver a continuidade da alma por meio do ciclo de vida e de morte, que caracteriza a sua passagem por um ou vários corpos (Platão, 2000, p.17).

A alma, após se “desligar” do corpo, não morre como aquele, mas vive e volta a viver em outro corpo. Da mesma forma que do feio vem o belo, da justiça a injustiça e assim com tudo o mais, da morte vem a vida e da vida a morte. Um eterno ciclo, no qual um dá origem ao seu oposto.

A lei geral do universo mostra que todo o contrário surge do seu contrário: o feio nasce do belo, o grande do pequeno, o justo do injusto, o acordar do adormecer e vice-versa. Assim, também a morte nasce da vida e esta da morte, caso contrário, seguindo a lei geral da natureza, se assim não acontecesse, o universo imobili-

zar-se-ia e as manifestações vitais terminariam. Se ao dormir não correspondesse o acordar, todas as coisas estariam mergulhadas no sono eterno, se tudo quanto participa da vida morresse e se conservasse na morte, nada existiria com vida. Neste sentido, pode dizer-se que os vivos nascem dos mortos e estes dos vivos e que as almas dos mortos subsistem e existem algures donde regressem à vida. A alma é, assim, princípio de vida (Ferro, 1999, p.106).

A teoria dos opostos será retomada no último argumento, o quarto, para eliminar problemas pendentes que serão apontados por Cebes e Símiás. No momento, ela lança os participantes do diálogo para o segundo argumento em defesa da imortalidade da alma, a reminiscência.

Como pode se perceber, os argumentos para a imortalidade da alma estão, digamos, muito bem entrelaçados, um sendo conseqüência do outro e justificando o anterior. A teoria dos opostos a pouco exposta, de que existe morte e vida e uma sucede à outra, de que o contrário dá origem ao seu contrário, faz Cebes lembrar que isso é essencial para outra teoria de Sócrates, a reminiscência [segundo argumento no *Fédon*]. Essa só é possível caso a alma persista à morte: após a morte ela existe no Hades e volta a reencarnar. Aprender é recordar, a alma se lembra das essências que já conhecia, assim se dá a reminiscência:

A estrutura deste argumento consiste em retomar a teoria da reminiscência que, como já foi afirmado, consiste em admitir que a alma contemplou as essências numa outra vida ideal e que, depois da sua ligação ao corpo, é necessário recordar o que se encontra num estado latente (Ferro, 1999, p.107).

As coisas semelhantes e dessemelhantes [cf. 74a] são como que provocassem a alma, impelindo o conhecimento; essas coisas sensíveis fazem a alma se lembrar [reminiscência] das essências que ela já conhece e apenas havia se esquecido nesse processo de ida ao Hades e reencarnação.

Partindo da doutrina da anamnese, já abordada no Menon [...], que entende a instrução, o aprender, como recordação, Sócrates detém-se na análise do conteúdo da reminiscência e na ligação desta com os objectos sensíveis: quando relacionamos como iguais dois objectos, referimo-nos a uma Igualdade que não nos lhes é redutível porque existe uma realidade pura anterior à experiência e que é despertada na alma pela percepção sensorial (Platão, 1995, p.9).

Sobre o processo de reminiscência e o conhecimento, o próprio Sócrates nos diz que:

Se o tivemos antes de nosso nascimento, sabemos antes de nascer e, no início, depois de nosso nascimento, conhecemos, não apenas o que é igual, o que é maior e o que é menor, mas todas as coisas desse tipo, porque isso que dizemos não é apenas aplicável à igualdade, mas também à beleza, à bondade, à justiça, à santidade, e, em resumo, a todas as demais coisas da existência. De modo que é preciso que tenhamos tido conhecimento a seu respeito, antes de nascer. [...] porque saber é apenas conservar a ciência que se recebeu e não perdê-la (Fédon, 75c).

O uso da reminiscência para a defesa da imortalidade da alma exige a existência das idéias. Se a alma se lembra de algo, de essências, esse algo tem de existir por si só. É a teoria das idéias, de que as idéias existem em si mesmas. Essa teoria, também trabalhada no livro VI da *República*, é o terceiro argumento no Fédon.

As idéias, realidades inteligíveis, têm uma dimensão ontológica, são eternas, isentas de composição e indissolúveis, em oposição ao sensível, que é composto e destrutível. Este é o fundamento do terceiro argumento. Pretende demonstrar-se, em primeiro lugar, que a alma não é composta, mas simples; seguidamente, que a alma é indestrutível, tal como as idéias o são (Ferro, 1999, p.108).

As freqüentes dúvidas de Símiias e Cebes a respeito da imortalidade da alma e, neste momento, sobre a reminiscência, levam Sócrates a expor e defender as idéias, ou Formas, como existentes em si mesmas.

As dúvidas de Símiias e Cebes quanto ao alcance do argumento (que, segundo eles, apenas contempla a preexistência da alma e não em definitivo a sua imortalidade), levarão a uma prova elaborada, a terceira (78b-84b), com que se encerra a primeira parte da discussão. É importante notar que essa prova parte do pressuposto, unanimidade aceita, de que a preexistência da alma implica a existência de fato dos ditos objetos do conhecimento ou Formas, e vice-versa. Só mediante essa aceitação será na verdade possível a Sócrates, como se verá, situar o problema da imortalidade na sua real perspectiva: a da natureza da alma. [...] Não é pois em vão que Sócrates insiste na “hipótese” da existência

real de coisas tais como “o Justo em si”, “o Belo em si”, etc.: do parentesco com as ditas realidades, que a prova da anamnesis clarifica, emerge uma noção radicalmente nova de imortalidade, que vai procurar a sua intrínseca razão de ser na natureza da alma (Platão, 2000, p.18).

A existência das idéias ou Formas nelas mesmas é o que possibilita que a alma, por meio da reminiscência, se lembre daquilo que conhece e, por um momento, se esqueceu. Sócrates e seus dois discípulos que participam ativamente da discussão são concordes que a alma sai da morte, seu contrário, voltando à vida. Estão também de acordo que ela não é visível, ao contrário do corpo. Assim, a alma se serve do corpo *para apreciar algum objeto através da visão, audição, ou qualquer outro sentido, porque a única função do corpo é considerar os objetos pelos sentidos (Fédon, 79c).*

Sócrates revela sua certeza do destino da alma — de que esta vai para o que ele chama de país de Hades, local onde estão os deuses, cheios de sabedoria e bondade — dizendo acreditar, e esperar, que sua alma para lá vá após a execução da pena. A alma, estando no Hades, partirá para uma outra vida de acordo com a vida anterior: as almas que viveram como se fossem deuses e na intemperança encarnarão corpos de asnos ou semelhantes; aquelas que se inclinaram à injustiça habitarão corpos de lobos, gaviões e falcões. Sócrates assim expõe para ressaltar os benefícios de se ser filósofo, ou seja, de não ser contrário à filosofia, à liberdade e à pureza que ela procura. O destino da alma filosófica será melhor do que o daquelas que não são, pois não perde a sua pureza.

A preocupação neste argumento, o terceiro, a teoria das Idéias, é demonstrar a dimensão ontológica das idéias, sua eternidade, indestrutibilidade e de que essas só são apreendidas pelo pensamento. Também a alma é singular, enquanto o corpo é composto e empecilho para o conhecimento das essências. Por fim, neste argumento, o diferente destino das almas de acordo com as suas diferentes vidas e a filosofia como uma preparação para a morte e para o melhor futuro da alma.

3.1. As objeções de Símiias e Cebes (capítulos VI e VII)

Após a exposição sobre a Teoria das Idéias, o lugar é tomado por um estranho silêncio. Tal silêncio denota que os dois interlocutores de Sócrates, Símiias e Cebes, não estão convencidos sobre a imortalidade da alma.

Para Símiias, a alma é como a harmonia produzida pelas cordas da lira. A harmonia, embora de natureza diferente das cordas e da lira, não sobrevive após a destruição do instrumento musical, dotado de corporeidade. Da mesma forma, a alma provavelmente não persiste após a destruição das forças corpóreas, mesmo sendo de natureza diferente daquelas. Isso porque para Símiias a alma e as substâncias espirituais são produtos da matéria: se essa finda, logo aquelas também.

Um pouco diferente de Símiias, mas também em discordância com Sócrates, Cebes afirma que a alma é mais resistente que o corpo, mas não é imortal. Ele explica que a alma, embora persista à morte, vai se desgastando quando migra de corpo para corpo, o que provoca a sua destrutibilidade.

A Cebes não lhe parece certo, também, que a alma continue a subsistir algures depois da morte; parece-lhe, no entanto, e contrariamente a Símiias, que a alma é mais resistente e duradoura que o corpo. A alma está ligada ao corpo, é o princípio que anima e mantém o equilíbrio das forças corpóreas. Após a morte, a alma perdura, mas a transmigração de corpo para corpo implica o seu desgaste e conseqüentemente destrutibilidade, por isso, não lhe parece razoável considerá-la imortal. O fundamento da objeção de Cebes reside numa concepção mecanicista da alma (Ferro, 1999, p.112).

A essas duas interposições de Símiias e Cebes seguir-se-á longa discussão. Sócrates parte do ponto que os seus dois discípulos já haviam acordado sobre a reminiscência, logo a preexistência da alma. Assim, a alma é anterior ao que é corpóreo, às forças corporais. Já no caso da lira a harmonia é posterior ao instrumento musical. Dessa forma, conclui-se, a alma não pode ser como a harmonia produzida pela lira. Ela não depende do corpo, ao contrário da harmonia que depende das cordas da lira.

A alma está no corpo e é o princípio que anima e mantém o equilíbrio das forças corpóreas; tem sua essência própria, não é sujeita à destruição como os seres da natureza e materiais, é anterior ao corpo e indestrutível depois da morte.

4. O argumento final de Sócrates: de novo a teoria dos contrários

O quarto e último argumento de Sócrates para a imortalidade da alma trata-se de uma volta ao primeiro, a teoria dos contrários. Lá, no primeiro argumento, Sócrates e os demais expõem uma idéia de sucessão.

O feio sucede o bonito, o justo o injusto e se um existe é porque o outro também possui existência. É como que se o contrário sempre originasse o seu contrário.

O retorno do diálogo à teoria dos contrários serve para clarear essa parte da argumentação, donde se torna importante deixar sem dúvidas que do contrário nasce o contrário, no entanto, o contrário não se transforma, jamais, no seu próprio contrário, seja na natureza, seja no homem.

Afirmamos anteriormente que uma coisa nasce sempre de sua contrária e dizemos agora que um contrário não se transforma, nunca, em seu contrário em si mesmo, e em nós, nem a Natureza. *Falávamos, então, de coisas que têm seus contrários, as que podemos nomear cada uma por seu nome e agora falamos das essências que, por sua presença, dão nome às coisas em que se encontram.* E estas últimas, é destas que falamos, jamais podem nascer umas das outras (Fédon, 103b, grifo nosso).

Aqui, neste quarto argumento, o que está sob análise é a essência da coisa. Sócrates sempre cita o exemplo dos números para exemplificar o quão importante é a essência: o número cinco jamais admite a idéia de par porque o par não participa da sua essência. Desta forma, embora existam os contrários, cada contrário possui a sua essência e não participa da essência daquilo que lhe põe.

Assim é a alma, sua essência é ser vida e isso exclui o seu contrário, a morte. Da vida nasce a morte, mas a vida não se transforma em morte, assim a alma é indestrutível.

A natureza de ser quente nunca se transformou na natureza de ser frio, o dia nunca se transformou na noite e a natureza da vida nunca se transformou na natureza da morte. Cada um dos contrários permanece sempre exatamente como é. A indestrutibilidade da alma só poder ser deduzida da sua essência que exclui a mortalidade. Transita-se, assim, da crença na imortalidade para a *essência* da imortalidade (Ferro, 1999, p.115).

A alma tem como essência ser vida e se admite essa essência de tal forma está finda a dúvida sobre a imortalidade da alma. A alma participa daquilo que é imortal e Sócrates estabelece um argumento ontológico, passando-se da crença para a essência da imortalidade da alma.

Muitos problemas são deixados em aberto e desenvolvidos noutros diálogos. Uma questão fica, no entanto, por resolver: se a alma é

imortal, que tipo de vida leva para além da morte? Nem a razão nem a experiência poderão responder a esta dúvida. Daí o recurso ao mito para explicar o destino das almas (Ferro, 1999, p.115).

O mito ao qual o autor se refere é o momento final da obra, no qual Sócrates fala do destino das almas e da estrutura da terra. Apesar de momento final, longo trecho é direcionado para essa questão, algo que aqui não trataremos. O filósofo grego tem mais uma oportunidade para ressaltar o privilégio da alma filosófica: essa se deixa conduzir no Hades para o local correto, enquanto as outras se perdem.

5. Considerações finais: o dramático epílogo de Fédon

O dia se aproxima do fim, bem como o momento da execução da condenação dada pelos juízes. É dramático e detalhado o fim de Sócrates na prisão, relatado por Fédon.

Aquele que sofre a condenação está seguro que irá para um lugar melhor. Isso o consola e aparenta não sofrer com a morte que se aproxima. Dado o desespero de Críton, Sócrates pede que os demais o consolem e não sigam o mesmo caminho, o do choro, pois foi por isso mesmo que ele não deixou que as mulheres e crianças ficassem no local para presenciar o momento derradeiro.

Ao beber o veneno, não permanecerei convosco, mas que vos deixarei e irei gozar felicidade e bem-aventurança, parece-me ter sido inútil para Críton, como se não houvesse falado mais que para consolar-vos e a mim. Rogo-vos que consoleis ao pobre Críton, para que não sinta minha morte e para que, ao ver meu corpo ardendo ou enterrado, não se desespere como se eu estivesse sofrendo grandes males e não diga em meus funerais que expõe a Sócrates, que conduz a Sócrates, que amortalha a Sócrates; porque é preciso que saibas, caro Críton, que falar impropriamente não é apenas cometer uma falha no que se diz, mas prejudicar às almas. Deve-se ter mais coragem e dizer que é meu corpo o que amortalha, e faça-o como te agradar e do modo que acreditares mais conforme às leis (Fédon, 115d).

O servidor dos onze entra no cárcere e recomenda a Sócrates que faça cumprir a decisão dos juízes da cidade e, obediente, o prisioneiro manda que lhes tragam o veneno, a cicuta. Observa-se compaixão e certo carinho para com Sócrates até mesmo daqueles que trabalham para o Estado: eles revelam que aquele era o melhor prisioneiro de todos os tempos que já havia passado por ali.

Crítón é o discípulo que recomenda que a ingestão do veneno ocorra mais tarde: o sol ainda não se pôs e muitos tomaram o veneno muito mais tarde do que lhes fora ordenado; aproveitaram dos seus amores e se entregaram ao prazer da comida. Sócrates adverte Crítón dizendo-lhe que aqueles que assim o fizeram tiveram os seus motivos, mas ele só se sentiria ridículo se apresentasse o mesmo comportamento.

Fédon, na obra, segue ao relato da morte: Sócrates bebe o veneno, anda determinado tempo até sentir as pernas pesadas; depois se deita e começa a perder os sentidos nos membros, dos inferiores para os superiores. Quando isso atinge o coração, morre.

Antes disso, diz a Crítón que são devedores de um galo a Asclépios. É uma metáfora, pois naquele tempo quem se libertava de uma doença ofertava um galo a Asclépios. Eis aí, no momento derradeiro, a morte mais uma vez como o libertar da alma. Crítón se compromete a pagar a dívida de Sócrates, aquela dívida que revela a libertação incondicional do filósofo. Fecha-lhe a boca. Fecham-lhe os olhos.

Referências Bibliográficas

- FERRO, M. & TAVARES, M. (1999). *Análise das obras Górgias e Fédon de Platão*. 2. ed. Lisboa: Presença, pp. 101-121.
- JAEGER, W. (1979). *Paidéia: A formação do homem grego*. Trad. Arthur M. Pereira. São Paulo: Martins Fontes.
- PLATÃO. (s/d). *Diálogos: Apologia de Sócrates, Eutífron, Crítón, Fédon*. Trad. Márcio Pugliesi e Edson Bini. 4. ed. São Paulo: Hemus.
- _____. (1995). *Fédon*. Introdução de Maria Arminda Alves de Sousa. Porto (Portugal): Porto.
- _____. (2000). *Fédon*. Introdução e trad. Maria Teresa Schiappa de Azevedo. Brasília: UNB.
- SANTOS, B. S. (O.S.B.) (1999). *A imortalidade da alma no Fédon de Platão: Coerência e legitimidade do argumento final*. Porto Alegre: Edipucrs.

